

ENSINO DE LITERATURA: CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA E ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Luciene Teixeira da Silva¹
Universidade Federal de Alfenas
luuts@msn.com

Resumo: Este trabalho vem somar-se aos estudos de questões relacionadas ao Ensino de Literatura. Primeiramente, nos referimos ao cenário pós-moderno, ao qual se experimenta uma crise das literaturas, que interfere na formação de um indivíduo crítico, reflexivo e atuante na transformação da sociedade em que vive. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre o ensino de Literatura para jovens do século XXI, que vivem uma realidade envolvida pela cultura globalizada e por inúmeros recursos tecnológicos e digitais. Consideramos como referencial teórico os estudos de Antonio Candido relativos à Literatura como um direito do ser humano e as teorias da Estética da Recepção, que refletem a possibilidade de realizar estas ações a partir do próprio texto, estabelecido pela relação dialógica entre texto literário e leitor.

Palavras-chave: leitura literária; recepção; jovens.

Resumen: Este trabajo se suma a los estudios de cuestiones relacionadas con la enseñanza de la Literatura. En primer lugar, nos referimos a la crisis actual de las literaturas que interfieren en la formación de un individuo crítico, reflexivo e actuante en la transformación de la sociedad en que vive. El objetivo de este trabajo es reflexionar acerca de la enseñanza de la Literatura para jóvenes del siglo XXI, los cuales viven una realidad envuelta a una cultura de globalización y a un sinnúmero de recursos tecnológicos y digitales. Hemos considerado los estudios de Antonio Candido que se relacionan a la Literatura como un derecho humano y a las teorías de la Estética de la Recepción como referencia, las cuales que reflejen la capacidad de realizar estas acciones desde el propio texto, establecido por la relación dialógica entre el texto literario y el lector.

Palabras clave: lectura literaria; recepción; jóvenes.

Introdução

O cenário de vida pós-moderno e a supremacia dos recursos tecnológicos com vistas à globalização têm despertado a atenção de muitos intelectuais que se preocupam com a formação humana e a educação. Pelo viés das Letras, podemos mencionar uma

¹ Apoio: Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes Letras/ Prodência.

preocupante “crise das literaturas”, advinda de estratégias de ensino pouco adequadas e da cultura de massas, produtora de adaptações e *best-sellers*.

A formação de um leitor crítico inicia-se no ambiente escolar tendo como mediador o professor, profissional responsável por formar leitores críticos, reflexivos e atuantes na transformação da sociedade em que vivem. Com tal incumbência, esse profissional precisa estar bem preparado para enfrentar as dificuldades inerentes à profissão como também aspectos peculiares do contexto escolar atual, como os problemas de ensino advindos da referenciada “crise das literaturas”.

De acordo com Aguiar e Silva (1998/1999, p. 91), importante crítico e ensaísta literário, “é uma urgente necessidade escolar, social e cultural, saber formar e educar leitores e, em especial, leitores de textos literários.”. No entanto, alguns pesquisadores apontam para uma fragilidade no que tange à formação de professores no campo de Letras, em relação à sua aptidão ao Ensino de Literatura, pois há uma grande diferença entre o conhecimento cultural de uma área e o conhecimento técnico dos métodos de ensino dessa mesma área. Os estudantes de Letras serão professores, ou seja, os mediadores para a formação de novos leitores, para isso terão de aprender a ensinar.

Há, nesse sentido, por exemplo, uma conhecida discussão que debate o fato de muitos professores ensinarem história literária, em vez de Literatura. Alguns estudiosos e professores (cf. WAITZ, 2006) acreditam que o ensino de Literatura está muito concentrado no estudo da periodização literária, nomes de autores, características das obras e não no contato direto do aluno com as obras produzidas. Outros, no entanto, defendem tais métodos de ensino pelo fato de instrumentalizarem o aluno para o contato com o texto literário.

Com este trabalho, não pretendo sugerir uma solução para o problema, contudo relembro que esta interação com a diversidade textual abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa “passa a ser entendida não como mero exercício de erudição e estilo, mas como caminho para se alcançar, por meio da fruição, a representação simbólica das experiências humanas.” (BRASIL, 2000, p. 58), mas pretendo discutir algumas bases dessa problemática na Educação Básica.

Essa diretriz indica que a escola deve sim formar indivíduos conscientes dos conjuntos de traços literários, procedimentos técnicos de uma determinada época, movimentos e escolas literárias, mas principalmente deve conseguir a sensibilização do aluno para a leitura, formar leitores que leiam com gosto, com emoção e com discernimento. Além disso, deve preparar o aluno para aproximar-se ainda mais da Literatura mesmo depois que tiver concluído a formação de Nível Médio. Não podemos encarar a Literatura como um benefício de poucos, visto que

A formação e o desenvolvimento da sensibilidade e do gosto estéticos não são um luxo, um privilégio ou um adorno supérfluos, aristocráticos ou burgueses, pois que constituem uma dimensão primordial e constante, antropológica e socialmente, do homem. (AGUIAR E SILVA, 1998/1999, p. 26)

A Literatura, nesse sentido, manifesta-se como um direito do ser humano. Antonio Candido (1995), em seu respeitável ensaio *Direito à Literatura*, explica que o ser humano tem em si uma necessidade de fabulação, isto é, uma espécie de universo fabulado, criação ficcional ou poética, que vai desde o sonho involuntário até o devaneio amoroso, atenção fixada à novela ou leitura seguida de um romance. Assim, essa fabulação “parece corresponder a uma

necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.” (CANDIDO, 1995, p. 3).

Podemos considerar que Candido coloca a Literatura no patamar dos Direitos Humanos porque a organização das camadas sociais pode restringir ou ampliar a fruição desse bem social. E em uma sociedade desigual, como a nossa, muitas pessoas são impedidas de entrar em contato com o texto literário, não necessariamente por desinteresse, mas pela falta de oportunidades. Para Candido, esse é um risco muito sério. Nesse sentido, salienta que

a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto um nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (1995, p. 3)

Dessa forma, se, depois de refletirmos sobre algumas das qualidades insubstituíveis do texto literário, propusermo-nos a confrontá-la com a realidade da juventude brasileira, iremos nos deparar com um grande problema: para um jovem estudante, inserido no contexto do século XXI, é muito mais interessante passar horas em frente a um computador, entre jogos e redes sociais que se entregar à leitura de um bom livro ou à fruição de uma obra de arte, por exemplo.

Eis o grande desafio para o professor da Educação Básica, especialmente: auxiliar os jovens a perceberem que essas

ferramentas tecnológicas não substituem a formação humana adquirida com a Literatura, uma vez que “os grandes textos literários são as mais belas, as mais complexas e as mais rigorosas manifestações da língua escrita.” (AGUIAR E SILVA, 1998/1999, p. 31). Como professores, precisamos criar espaços para os jovens tenham a oportunidade de entrar em contato com as realizações do texto literário e, ao mesmo tempo, levá-las para suas vidas.

Sendo assim, a resposta está nos métodos e nos conteúdos que temos que escolher ou mesmo criar e desenvolver, tendo em vista o alvo mais importante: o aluno e sua relação com o texto, nesse caso, literário.

Literatura e juventude

Quando se fala de Literatura aos jovens sem ponderar a grandeza de um livro em questão, seu tema, seu autor, sua época, a beleza da composição, ou seja, quando não há entusiasmo por parte do professor, eles reagem com desprezo ou indiferença. Os estudantes sentem que a leitura é feita para a escola, para o cumprimento de normas, para o alcance das notas, e não para si próprios. Nesse sentido, Braga ressalta que os alunos

[...] encontram no livro o peso da imposição, da obrigação e, por isso, sentem que estão fazendo um favor ao professor que não indica, mas cobra a leitura; e, ao fazê-lo, exigem a reprodução de elementos do enredo, reforçando a idéia de que os livros são *chatos, difíceis* e que *não têm nada a ver*, nada a ver com o que querem, necessitam, desejam ou gostam [...]. (BRAGA, 2006, p. 6)

Este se torna um motivo importante pelo qual o aluno apresenta sinais de desinteresse e desânimo pelo texto. Tal fato acontece porque essa prática não lhe faz sentido.

A Literatura relevante para o aprendizado na escola é aquela que fornece modelos do mundo e do ser humano, que causa um efeito no leitor, humanizando-o. No entanto, essa Literatura está, na maioria das vezes, abrigada nos clássicos literários de um país, tornando-se mais uma vez “sem sentido” para o jovem, uma vez que tais obras carregam consigo uma dificuldade inata: se são clássicos, eles o são pela grandiosidade da composição, o que muitas vezes os distancia do aluno pela estética difícil, pela linguagem rebuscada, pelo vocabulário erudito, pela distância no tempo, pela diferença de idéias e pensamentos. E como fazer para que jovens que mal escrevem bem um parágrafo se interessem por tais obras?

A questão da leitura e da leitura da Literatura vai além da obra, para atingir toda uma mentalidade da sociedade brasileira. Seria papel da família iniciar ainda no lar atividades de leitura, o que permitiria que o jovem crescesse nesse ambiente e evoluísse seu gosto chegando aos clássicos naturalmente. Entretanto, ocorre que as grandes maiorias das famílias brasileiras, mergulhadas em dificuldades econômicas não dispõem de recursos para destinar à compra de livros e mesmo de tempo para a Literatura.

Na escola, na qual a tarefa de formação de leitores tem sido entregue cada vez mais ao professor exclusivamente, que, ao exercer o papel de mobilização do leitor, enfrenta diversas dificuldades conjunturais que exigem medidas por vezes fora do alcance desse mesmo professor. Os próprios cursos de Letras, que formam os profissionais de Literatura para o Ensino Básico, têm em suas turmas muitos universitários que se identificam com a leitura literária.

Eis um problema de difícil solução. Talvez por isso Foucambert, em seu ensaio “O que é aprender a ler?”, diz que, no que tange à Literatura, “nenhuma decisão importante será tomada, pois não existe nenhuma boa decisão para se tomar.” (1994, p. 3).

Seja como professores, alunos ou amantes da arte literária, dificilmente veremos uma solução emancipatória se formar, de forma que modifique o ensino básico brasileiro e possibilite uma revolução em relação aos níveis de leitura.

O que podemos fazer nesse começo de século turbulento, a partir deste ponto de vista, é nos conscientizar da existência de uma nova juventude, a qual traz consigo também novas necessidades, inclusive no âmbito da Literatura.

O próprio mercado editorial tem pesquisado junto aos jovens qual é o perfil desse novo consumidor. Acreditamos que esse fenômeno econômico também está contribuindo para a configuração de uma nova Literatura. O que não podemos permitir é que a Literatura desenvolvida para esse público seja somente aquela constituída por *best-sellers*, adaptações e modismos estrangeiros.

Para que a Literatura dedicada ao público jovem possa contribuir para a formação de leitores desde a sala da aula, é necessário conhecer melhor esse adolescente e também os métodos para o ensino da Literatura. É necessário que o professor assuma a importância do papel que desempenha diante desse jovem, buscando as características apreciadas pelos leitores iniciantes, não o abandonando no início da sua trajetória de leitor.

Contribuições da Estética da Recepção

Enquadra-se este trabalho nos estudos relacionados ao Ensino de Literatura, propostos por Zilberman (1989) e Costa Lima (1979), os quais discutem as postulações de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, dois dos principais representantes da Estética da Recepção. Nessa perspectiva teórica, a vida da obra literária não pode ser concebida sem a participação ativa de seu destinatário a

quem a obra literária busca, condicionada pela relação dialógica entre esse destinatário e a Literatura, na qual emergem tanto implicações estéticas quanto históricas.

Iser, por exemplo, busca respostas para suas indagações no ato individual da leitura, formulando a Teoria do Efeito, na qual se concentram os chamados “vazios do texto” e as consequências desses vazios na interpretação do texto pelo leitor. Os textos são “enunciados com vazios, que exigem do leitor o seu preenchimento” (COSTA LIMA, 1979, p. 23). Esses vazios são os responsáveis pelas diferentes interpretações de um texto, visto que os espaços abertos condicionam o posicionamento do leitor em relação à obra.

Tais postulações contribuem para o esclarecimento do papel que o leitor desempenha frente ao texto literário. O leitor é aquele que completa a produção literária respondendo às lacunas deixadas pelo autor, de forma a produzir significados em um movimento cooperativo e consciente. Quando o professor consegue explicar que o autor direciona o seu leitor, mas que os espaços vazios serão preenchidos conforme a experiência de leitura que este possui, fica mais visível qual é a importância da leitura.

Jauss (apud ZILBERMAN, 1989), por sua vez, centraliza seus estudos na fenomenologia da recepção pública, apresentando os fundamentos de sua teoria a partir de sete teses. Sendo que as quatro primeiras têm características de premissa, e as três últimas apontam para a ação.

A primeira tese formulada por Jauss diz respeito à relação dialógica entre texto e leitor. Isso significa que, no momento em que o leitor lê o texto, ele estará sendo atualizado, na medida em que o estiver lendo e trazendo-o para sua realidade, assim como a historicidade inerente ao texto.

Na segunda tese, Jauss afirma que o saber prévio de um público, ou o seu horizonte de expectativas, determina a recepção.

O leitor, no momento da interação com o texto, traz consigo uma bagagem de vivências e conhecimentos prévios, que devem ser ativados para o preenchimento dos vazios contidos no texto. A experiência literária age sobre o leitor, despertando as lembranças do já lido e gerando expectativas sobre o andamento da própria leitura. Assim, uma das funções da aula de Literatura é proporcionar um alargamento dessa bagagem, levando opções de leitura para sala de aula, de modo que esse conhecimento permita leituras mais profundas e uma mudança de postura por parte do leitor.

A terceira tese postula que o texto pode satisfazer o horizonte de expectativas do leitor ou provocar o estranhamento e o rompimento desse horizonte, em maior ou menor grau, levando-o a uma nova percepção da realidade. A Literatura foge de classificações e de interpretações herméticas, uma vez que há sempre algo novo a descobrir. É importante que o professor estimule esse aluno-leitor a fazer suas próprias descobertas para que possa fazer suas próprias considerações e sanar suas expectativas.

Na quarta tese, Jauss (apud ZILBERMAN, 1989) propõe examinar as relações atuais do texto com a época de sua publicação. Dessa forma, por meio do diálogo e do contexto social e histórico, a Literatura recupera a historicidade do texto literário e o leitor compreende as condições de produção da obra e quais eram as necessidades do público da época. Para se entender um texto é necessário compreender a pergunta para qual ele constitui resposta.

Depois de refletir sobre as formas com as quais um leitor pode lidar com o texto literário, as três últimas teses apresentam uma metodologia, por meio da qual se prevê o estudo da obra literária.

Na quinta tese, atenta-se para a recepção da obra literária diacronicamente. Esse pressuposto demonstra que o valor de uma obra literária transcende a época de sua aparição. É interessante

que o aluno entenda o percurso que a obra fez para chegar até ele. Os textos não se comunicam apenas com os leitores contemporâneos, mas, ao longo do tempo, dialogam com outros públicos sem perder seu elemento inovador, assumindo formas diferentes conforme o repertório do público em questão.

A partir da sexta tese, a história da Literatura procura um ponto de articulação sincrônico entre as obras produzidas na mesma época e que provocaram rupturas e novos rumos para a Literatura. É essencial que o aluno conheça os confrontos entre as obras literárias de uma mesma época. Para o autor, é no encontro entre o corte diacrônico e sincrônico que se verificará a historicidade da Literatura.

A sétima tese direciona uma função social para a criação literária, pois, devido ao seu caráter emancipador, abre novos caminhos para o leitor no âmbito da experiência estética. Nas palavras de Zilberman (1989, p. 38), “a literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu comportamento social”.

A meta da Estética da Recepção seria, por meio dos pressupostos teóricos, resgatar a importância da contextualização da obra e de seu autor, o momento histórico de sua publicação e o papel do leitor na concretização da obra. Nas postulações da referida teoria, fica apontado o papel ativo do leitor no processo de construção de sentido da interpretação e na leitura crítica das obras, o que pode ser bastante favorável para o ensino da leitura literária.

Considerações finais

Entendendo que o conceito de leitura está intimamente relacionado ao leitor e ao seu repertório contextual, este trabalho

teve a intenção de colaborar para a reflexão acerca do ensino de Literatura, não objetivando encerrar o debate, mas abrindo possibilidades para outras discussões e ainda instigando a sugestão de métodos capazes de possibilitar um diálogo entre o aluno e a obra literária.

Uma obra literária pode ser analisada por diferentes maneiras, não há exclusivamente uma única interpretação, no entanto é necessário que passe por uma fundamentação teórica. Nesse caso, usamos de teorias recepcionistas para transpor suas disposições em subsídios para a leitura, pois, segundo Cereja (2005, p. 198), “o ensino de literatura no ensino médio deve, a nosso ver, estar comprometido, primeiramente, com o desenvolvimento de habilidades de leitura, a fim de que o aluno se transforme num leitor de textos literários competente.”.

Por muito tempo, a arte foi concebida como algo utilitário; e a leitura tinha por objetivo ensinar ou fazer aprender algo. No entanto, ela não é utilitária, de modo que é preciso assumir a fruição que proporciona. Essa substituição do sentimento estético pelo aspecto moral alheio à estética provoca a aversão natural à Literatura clássica sentida por grande parte dos alunos.

O que acontece, na maioria das vezes, em sala de aula é a abordagem individual das obras em sequência cronológica ou a apresentação dos autores (geralmente canônicos) conforme o esquema de vida e obra como tentativa de sanar as lacunas dos anos anteriores e/ou de vencer os conteúdos. Em relação a esse aspecto, Cereja questiona

não seria mais significativo para o leitor, por exemplo, se, em vez de passar aulas e aulas estuando autores cujas obras não contribuíram para um avanço significativo na história da literatura brasileira ou da literatura universal, conhecesse pelo menos parte da obra daqueles que

provocaram rupturas ou que fundaram uma nova tradição? (CEREJA, 2005, p. 143)

Sabe-se que diversas pesquisas debatem a crise da leitura e a indiferença dos alunos pela Literatura. No entanto, a prática cotidiana do ensino de Literatura não desperta o interesse dos alunos, pois eles não encontram vínculo entre o conteúdo ensinado, baseado apenas em estudos historiográficos e descrição estrutural das obras.

Nessa “era dos extremos” (BRAGA, 2006), a escola precisa destinar tempo à leitura, pois ler é hábito adquirido e não disciplina obrigatória. Os professores precisam estabelecer um diálogo entre o aluno e o texto. É necessário se trabalhar a Literatura partindo de temas interessantes para os alunos participantes, propondo uma leitura reflexiva, a partir do conflito estabelecido pelos textos, sempre relacionados, em algum aspecto, com a realidade dos alunos participantes.

No entanto, não adianta acusar a escola de não vencer o desafio de promover o letramento literário ou analisar aulas de professores observando seus erros. O que precisamos é atentar para a formação dos futuros professores, além de tornar consistente a relação entre as teorias e metodologias de ensino. Os alunos podem descobrir o prazer de ler. A partir dessa descoberta, será possível que muitos deles cheguem a ser leitores assíduos, não só durante a fase escolar, mas ao longo de toda a vida.

Referências bibliográficas

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel de. **Teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português**. Diacrítica Revista do centro de estudos humanísticos Universidade do Minho, Braga (Portugal), p. 23-32, 1998/1999.

BRAGA, Patrícia Colavitti. **O ensino de literatura na era dos extremos** (2006). Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna. Ano 03, n.05, 2º semestre de 2006. Disponível em <<http://www.letramagna.com/literatura.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2000.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponível em: <http://www.slideshare.net/letrasunip/direito-a-literatura-candido>. Acesso em: 15 de abril de 2012.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

COSTA LIMA, C. (Org.). **A Literatura e o Leitor: textos de Estética da Recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WAITZ, Inês Regina (2006). **O ensino da literatura e seu espaço de formação**. Revista de Educação da Anhanguera Educacional, v. 9, nº 9. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/view/201/199>>. Acesso em: 31 out. 2011.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da Literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1989.